

Expedido
pelo
Editor

ESTADO DE SANTA CATARINA
BIBLIOTECA PÚBLICA
FLORIANÓPOLIS



Ano III

Florianópolis, Março de 1947

N. 1

CASTRO ALVES E A ABOLIÇÃO

Homens há que se integram tão completamente nos movimentos político-sociais da História que se identificam com os próprios ideais pelos quais combateram, tornando-se símbolos vivos de uma idéia,



envolto no prestígio místico de Heróis lendários.

Tal é o que sucede com Castro Alves.

Poeta profundamente humano, com a força de sua personalidade incendiou o entusiasmo de toda uma geração de moços contra a execranda escravidão negra.

Fez de seus versos uma exortação aos sentimentos de dignidade humana, verberou os traficantes de escravos, cantou numa linguagem sublime a miséria sorte do negro escravizado.

Surge aqui uma pergunta.

Que força interior tinha levado este jovem, de 18 ou 19 anos apenas, a compôr versos tais como "Os Escravos" considerados uma perfeição na forma e no sentimento?

Desejo de brilhar, aproveitando-se duma questão que atraía as simpatias da época?

Seria muito pouca cousa para explicar tal obra prima de poesia. Algo mais é preciso.

É mistério que um Ideal habitasse aquela alma de poeta.

E que puro e fecundo ideal!

Não tinha nada do Idealismo estéril tão comum na mocidade pretenciosa, demasiado refinado para ser exequível, demasiado intelectual para se humano.

Era um Ideal que tinha suas raízes onde nem a Moral com tôdas

as suas regras ortodoxas, nem a Lógica com suas deduções matemáticas conseguem influenciar, já que as raízes demoram nos recessos subjetivos do espírito onde o único critério de certeza é a intuição.

José Luz
III Científico

IMPRESSÕES INICIAIS SOB A SOMBRA DO GALPÃO

DANTE: Que achaste do Ginásio?

LUIZ CARLOS: O Ginásio é sempre o mesmo.

DANTE: De fato. Certas coisas, se continuam valendo, é porque nunca mudam.

LUIZ CARLOS: Já ouviste da mudança de professores e dos professores novos? Foram embora o Padre Nunes e o Padre Sílvio.

DANTE: Estás com vontade de estudar?

LUIZ CARLOS: Estou. As férias já estavam ficando enjoadas.

DANTE: Quero esforçar-me mais do que no ano passado. Já dei em casa que fazer que chega. Deixa estar! Nosso Ginásio é bom, não é mesmo?

LUIZ CARLOS: Quem é que vai tomar conta do futelo?

DANTE: O professor de Ciências e Latim da 3ª série do ano passado, Padre Henrique. Lembro-me de como, uma vez, o Professor Warcken entrava meio distraído no 3º A, após uma aula de ciências. Tinham ficado dependurados os quadros do corpo humano, como ele é por dentro: "Ah! Vocês abriram um açougue?". E continuou a aula como se fosse nada.

E nisto fica o instantâneo da reportagem.

Começa mais um ano. Abre o Colégio seus portões. Subam pelos degraus junto a eles. Rezem um pouco na velha capela que é sempre a mesma e entrem depois mais para dentro, para estudar, para jogar, para serem algo na vida. Ajudemos os professores, para que eles não fiquem sôzinhos na luta pela ciência e virtude que prepara o Brasil de amanhã. Ajudemos por nossa aplicação, comportamento e boa vontade.

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO



Por que tombaste, Cristo Jesus?

— Para que a juventude se reerga de cada vez, e prossiga.

LICENCIADOS DO CURSO CLASSICO-CIENTÍFICO DE 1946

Aderbal Alcântara, Aires Gama Ferreira de Melo, Dalmo Bastos, Hélio Milton Pereira, Hélio Sacilotto de Oliveira, Saul Ulisséa Baião, Valter Bello Wanderley, Almiro Pereir aOliveira, Aimoré Gevaeld Bridon, Carlos Bastos Gomes, Carmelo Mário Faraco, Edú Machado, Gecy Rocha, Geraldo Gama

Salles, Germano Hoffmann, Heinz José Jorge Braunsperger, Ivo Sell, Jaimor Guimarães Collaço, Jairo Ulisséa Baião, João Jaime dos Santos, Jovelino Savi, Luiz Gonzaga Medeiros, Mauro José Remor, Miguel Manganelli Orafino, Oscar Tolentino de Sousa, Osni Berreta, Valmor da Silva, Valmor Zomer Garcia.

FESTA DA DESPEDIDA

Discurso do Paraninfo do 3º Cíent. e Class., Dr. Anibal Nunes Pires, na ocasião da Festa da Despedida.
Meus amigos, meus afilhados!

Que Deus Omnipotente me assista, nesta hora, para que eu vos diga a verdade sem que vós vos melindreis; sem que o pessimismo de minhas palavras destrua as vossas esperanças; sem que o entrecchoque do que eu sou e do que eu digo, vos desorienta. — Que Deus Omnipotente me ajude para que eu mesmo não diga coisas que eu não sinto, digna e sinceramente. — Meus caros amigos! Vós pertenceis a uma turma de privilegiados porque vindes vivendo num mundo de contrastes. Num mundo de contrastes repito, porque quando começáveis a compreender o Sermão da Montanha, nos umbrais deste estabelecimento, além-mar pregava-se a voz tonitroante dos canhões; enquanto aprendeis "o amai uns aos outros" degladiavam-se os povos do Velho-Continente e morriam, nos campos de concentração, milhares de seres humanos, de maltratos, de fome, sede e frio; enquanto aprendeis a zelar pela palavra erapenhada, os tratados entre as nações desapareciam no ar como bolhas de sabão; enquanto aprendeis altruisticamente os cálculos matemáticos, as experiências físico-químicas, lá se fabricavam bombas voadoras e gases mortíferos; enquanto a biologia, a física, a química vos incentivavam para a medicina (DIVINUM EST OPUS SEDARE DOLOREM) lá fabricavam bombas atômicas para o esterminio em massa; enquanto a filosofia vos dava os princípios da razão e apregoava a força do Direito, lá praticavam injustiças, aleivosias e impunham o Direito da força.

Pertenceis a uma turma de privilegiados! — E como se fora pouco, todos esses males não permaneceram, só, do outro lado do Atlântico. Os vermes das insidias, o veneno das falsas ideologias, o micróbio das incertezas, os morcegos da pseudo-diplomacia, a imprensa venal, sifilisaram o sangue e alma do MUNDO: Os indivíduos e o pensamento. Que consequências trágicas para os órgãos deste MUNDO! Vós vindes observando. — Agora que terminais um curso e ides para os bancos acadêmicos, para sobre vós uma interrogação, uma dúvida e quiçá, uma REVOLTA!

SEULE LA VÉRITÉ BLESSE!
Só a verdade fere.

Quão diferente a teoria da prática! Pregavam-me a união e eu vejo a desunião ensinavam-me a unidade em tudo e, em tudo, eu vejo a confusão; pregavam-me a amizade e eu vejo Judas por toda a parte; deram-me conceitos sublimes de liberdade, honra, dever e justiça e eu vejo os meus mais inocentes atos cercado, vejo a honra substituída pela deshonra, a justiça pela injustiça, e o dever pelo o inadimplimento das obrigações; apontaram-me a independência que se não avilta e a dignidade que se não curva e eu vejo um cortejo de bajulações e misérias. — É porque tudo isso são fatos, não são palavras. É porque tudo isso vós vistes não o ouvistes. É por causa desse ambiente caótico dessa atmosfera de incertezas, dessa situação paradoxal na qual vindes estudando que eu repito mais uma vez! PERTENCEIS A UMA TURMA DE PRIVILEGIADOS!

Quem, pergunto, mais facilmente tomará o caminho errado, o caminho do atoleiro, aquele que VIU o caminho ou o que somente ouviu falar dele? Não é necessário responder, todos o sabem. Mas constitui um privilégio ver sangue derramado, injustiças praticadas, mentiras? Constitue um pri-

vilégio ver o impuro, pregando moral; a lei patrocinando o crime? Constitue um privilégio ver a ciência a serviço do mal, os inocentes, pagando pelos devaneios dos poderosos?

Sim! Constitue um privilégio! Privilégio porque vedes os fatos e as consequências do caminho para o lodaçal e, vendo-os nunca o tralhareis.

Meus estimados amigos! PARANINFO, antigamente, significava o amigo do noivo que ia com este buscar a noiva; hoje significa o padrinho, o protetor; eu acho porém, que o conceito antigo serve melhor para os nossos dias. — Não passa a solenidade de hoje — de um NOIVADO. É o vosso noivado



Dr. Anibal Nunes Pires

com a VIDA. Apenas o paraninfo, o amigo não tem aquela experiência tão necessária em casos como este. Ainda não sofreu muito para fazer SOFRER MENOS OS OUTROS. Mitigar o sofrimento dos outros é algo de sublime, de suave e de bom para um coração que deseja ser bom. "Só se sabe bem aquilo que já se experimentou". Faltando-me a experiência não poderei achar ou acertar a palavra que consola e, se acaso, toco numa alma dolorida é possível que faça sangrar as chagas ao invés de as curar. — Fui o vosso professor de matemática e nunca me senti tão feliz em ministrá-la, nunca aprendi tanto em tão pouco tempo. Vós, meus caros afilhados, destes-me o verdadeiro conceito do professor: É aquela que se não aproveita das alturas da cátedra para impor a sua autoridade; é aquele que se interessa, não só pela classe em um todo, mas ao mesmo tempo tem interesse nos problemas particulares de cada um. Professor é aquele cujo interesse capital, cuja preocupação máxima é o desenvolvimento da personalidade do aluno, tornando-o HOMEM no verdadeiro sentido da palavra. — esse EU SOU HOMEM que anda na boca de qualquer moleque sem responsabilidade; não esse EU SOU HOMEM que anda na boca desses manequins ambulantes que só em o dizer já sabemos que não o são; não esse EU SOU HOMEM desses insensatos que abusam da fragilidade, da ignorância ou do mundanismo das moças modernas. Não! não esse homem! Mas... o homem do qual nos orienta Rhoden: "O homem que aprendeu a viver intensamente — porém — sem ruído... O homem BOM — porém — silenciosamente bom; O homem poderoso — porém — que não exibe o seu poder; O homem puro — porém — que não vocifera contra os impuros; o que adora o que é sagrado — porém — sem fanatismo; o homem que renuncia, sem fazer disso um culto; o homem que fala a grandes distâncias sem gritar; o homem que rasga caminhos novos — sem esmagar ninguém; faz bem a todos sem que se perceba NÃO

AQUELE HOMEM, NÃO! Mas o que domina SEM insolência; O que se humilha SEM servilismo; O HOMEM QUE AMA SEM SE OFERECER... Sim! é aquele que quer fazer de cada aluno um HOMEM para depois, sejam quais forem as circunstâncias da existência, ocupando posições de relevo e responsabilidade ou numa tarefa mais obscura, ignorado e esquecido de todos, ainda lhe reste dentro de si a satisfação íntima: A CONVICÇÃO DE SER UM HOMEM. É bem possível que alguns de vós se tornarão professores, e das qualidades deles, três são imprescindíveis: PACIÊNCIA, BONDADE E ENERGIA. Paciência e bondade nascidas do sofrimento e do coração. Não a paciência e a BONDADE "daquelas pessoas que deixam cair de tão alto os seus benefícios, que quasi sempre ferem os seus protegidos" (A. KARR.). Energia. Não energia que significa reprimir despeitadamente com cólera; mas ENERGIA que é REPREENDER SOFRENDO, PARA SABER CORRIGIR AMANDO. Para esses, para os professores faço a seguinte conhecida oração: "Quão sublime, o Senhor, é a missão que a Tua Providência me confiou neste mundo! Faz que nenhuma outra coisa nesta vida apague do meu espírito a idéia da grandeza e santidade desta missão e que se esforce cada instante para adquirir mais sabedoria com o fim de cumprir com maior fidelidade a minha tarefa de cada dia. Seja o amor ao próximo e à humanidade a grande inspiradora da minha vida nos momentos de cansaço e de abatimento e tenha olhos para ver no aluno mais rebelde, um filho, um irmão menor, com qualidades superiores, ocultas nas profundezas da alma, dons que devem ser descobertos e cultivados com paciência e abnegação. Que eu fuja a todos os vícios e trabalhe constantemente, com o TEU auxílio, na correção das minhas faltas, no aperfeiçoamento do meu próprio ser, para que me mostre sempre um exemplo digno diante dos meus alunos e se torne ainda mais poderosa a minha personalidade, a ponto de influir beneficentemente nos seus destinos. Que nos momentos de pobreza e dificuldades, Senhor, o meu espírito se reconforte na idéia de um sacrifício santo em que o meu próprio ser é oferecido em sacrifício espiatório dos erros humanos, preparando assim um futuro melhor para a minha pátria e para a humanidade". — Aos que vão seguir a medicina lhes direi que já dizia HIPOCRATES (460 AC): "Ao exercer a medicina, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da honra e da ciência; penetrando no interior dos lares meus olhos serão cegos, a minha língua calará os segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra; nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime... Mas por que tudo isso agora se vamos apenas iniciar o estudo? Porque é necessário sabê-lo de início. Aos que seguirão à engenharia recomenderei amor à matemática e confiança em si mesmo; ela positiva, muito franca e não admite dúvidas. Coloquem eles, no seu engenho, a harmonia que o SUPREMO ARQUITETO colocou no Universo.

Aos amigos do bom e do justo, eu recomendo que nenhuma injustiça os façam injustos, nenhuma vingança os façam vingativos e nenhuma vaidade os façam orgulhosos. O advogado deve ter uma cultura geral, deve ser lógico e convincente nas suas afirmativas. Para eles também a matemática é necessária; é de Emílio Borel o seguinte: Uma educação matemática, ao mesmo tempo teórica e prática,

exerce a mais benéfica influência sobre a formação do espírito". Se fosse verdade a brincadeira corrente entre os alunos do clássico "O advogado só deve saber subtrair e multiplicar, para subtrair o que é dos outros e multiplicar o que é seu, por isso não precisamos da matemática! Eu então, continuando a brincadeira que ela é necessária para podermos subtrair o que é dos outros muito mais depressa e multiplicarmos mais rapidamente o que é nosso. FELIZMENTE ISSO NÃO É VERDADE! ela é necessária porque torna o homem subtil, rápido e convincente nas decisões. MEUS AMIGOS! Sejam quais forem os vossos empreendimentos, os vossos mistérios, a vida vos recompensará pelo que fizerdes de bom. INFELIZ DAQUELE QUE, NO FIM DA EXISTÊNCIA, RECONHECE QUE FOI UM INUTIL!

— O COLÉGIO CATARINENSE sente-se orgulhoso da vossa turma porque tem a certeza que vós haveis de honrá-lo lá fora como já o fizeram tantos alunos anteriores.

CAROS AFILHADOS! Vós não estais sós! Há quem vos abraça e vos acene com as mãos; Há quem vos sorria com brandura; há QUEM VOS SIGA COM OS OLHOS, marejados de lágrimas. São os adeuses dos colegas e amigos que ficam; são os sorrisos de fé dos vossos mestres que hão de vos acompanhar; são os olhos de vossos pais, cheios de lágrimas mas cheios de confiança! Cheios de lágrimas mas cheios de zelos! São aqueles mesmos olhos que em noites de vigília, nunca se cansaram a borda de vosso berço; são aqueles mesmos olhos que nunca vos faltaram quando fostes privados da saúde. São os olhos de vossos pais, são os olhos de vossas mães, cheios de lágrimas, cheios de receio mas também cheios de fé e de esperança nos vossos futuros. E... no meio de uma turma de moços que tudo merecem eu levanto a minha voz para dizer:

Eis a vossa NOIVA — Eis a VIDA.

"Parti para o noivado da VIDA e... que Deus Omnipotente vos abençoe!

ANP em 13/12/1946.

PRIMEIROS LUGARES DO ANO ESCOLAR DE 1946

Na sessão inaugural receberam medalhas, merecidas no ano anterior

3. Científico — Walmor Zomer Garcia.
2. Científico — Ney Perrone Mund.
1. Científico — João David de Souza e Naur Coelho.
4. Ginásial A — Osni Rebelo.
4. Ginásial B — Lupércio Vilain João.
3. Ginásial A — Sebastião Melin.
3. Ginásial B — José Amaral Pereira.
2. Ginásial A — Celestino Sachet.
2. Ginásial B — Ênio Cesar Vieira Pereira.
2. Ginásial C — Elisiário Pereira Filho.
1. Ginásial A — Geraldo Menezes.
1. Ginásial B — Cecílio Linder.
1. Ginásial C — Nelson Teixeira.
- Curso Médio — Luiz Adolfo Olsen Veiga.

BOLSA DE ESTUDOS "PADRE SCHRADER"

Quantia já publicada Cr\$ 7.817,00
Diretoria do Ginásio
"Consul Carlos Re-
naux" Cr\$ 1.000,00
Cr\$ 8.817,00

OS QUE ESTUDARÃO FORA!

Ney Perrone Mund

Vós que estudareis fora!

Paira no ar um que de aroma subtil; respira-se a pulmão cheio o ar fresco da natureza virgem; tudo é belo aos nossos olhos; alegria aqui, ali, lá, acolá, mais além. É que vivemos em Florianópolis; Florianópolis, a velha Desterro de sempre, a pérola encastada na concha enorme do Brasil.

Tudo aqui nesta cidade é manso, calmo, nada bravio. Não se vive no bulício das grandes metrópoles, com as suas corridas, que não são mais corridas, mas uma anormalidade no avançar do tempo.

Pois é assim e assim sempre foi...

Hoje porém faz-se mister uma separação em detrimento da calma e para o proveito da agitação, e vós sereis o separado.

Vós sereis arrancados do normal e jogados no anormal. O mar, que dantes era espelho, será doravante eivas na terra, encapelado, raivoso, agitado.

Há, creio eu que ainda com vida, em cada um de vossos lares, uma mulher, moça ou velha, cabelos pretos ou já brancos, jovem ou alquebrada — que é a vossa mãe.

E esta mãe que vos deu à luz, que vos criou e educou, esta mãe será obrigada pelas circunstâncias a se apartar de seu filho; o seu querido irá estudar fora; muitos, muitos anos viverá longe de si.

É forte, fortíssima até, tal separação.

Qual a paga devida por vós? Tereis dinheiro bastante para compensar a angústia cruciante de vossa mãe, quando, ao lado da caminha em que agonizáveis, ela orava a Deus pela vida de seu filho muito amado? Haveréis de ter dinheiro bastante para pagar noites de vigília, os cuidados, os carinhos que vossa mãe dispensa a vós? E os seus sábios conselhos? Não pedem também eles alguma coisa?

Tereis dinheiro para tudo isto?

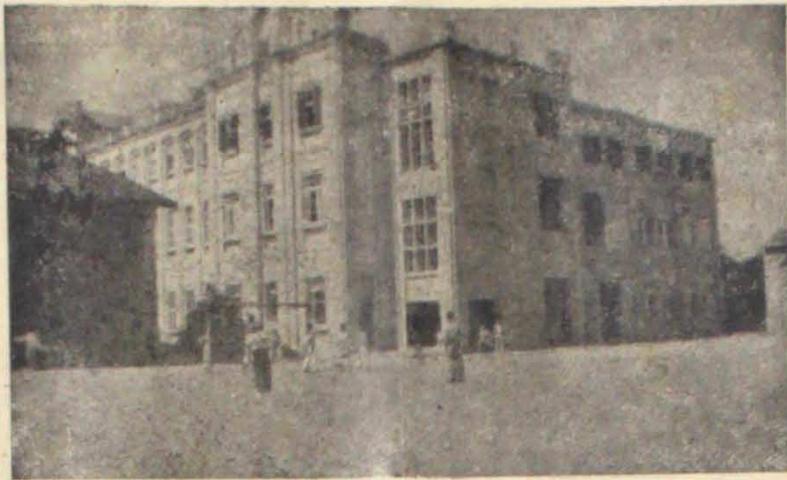
Não, respondo eu — Não lhe darei um vintem sequer por isto. Não lhe serei tão mal agradecido. Com dinheiro se paga um quilo de batatas ou um metro de fazenda. Nem mesmo toda a riqueza da terra, nunca há de pagar um amor de mãe. Um amor de mãe, só o podemos pagar com um amor de filho. Se o seu amor se revelou para conosco em orações, noites em claro, cuidados, educação, etc., o vosso amor para com ela há de se revelar com estudo sério, vida regrada e honesta. E, se assim já o tendes feito, que seja feito do mesmo modo nas cidades em que ireis estudar.

Partireis daqui para uma cidade maior do que Florianópolis, maior em tudo, no tamanho das construções, na largura das ruas. Partireis para uma cidade onde a vida é agitada, onde não se caminha mas se voa. Com esta grandeza, este correr, este voar, quase nenhum tempo fica ao homem para pensar. E disto se aproveita o materialismo, o materialismo que exclui a religião, o materialismo que tira a alegria das almas dos homens e os deixa nus, espíritos de toda emoção elevada, egoístas, e destroi-lhes o altruísmo.

É vosso dever e é uma necessidade caminhar a par do progresso material, mas também é vosso dever e é uma necessidade — que façais deste caminhar não um avanço vazio, sem razão de ser, e sim, um avanço vivo, estuante de convicção, um avanço em que, de mãos dadas, caminhem a matéria e o espírito, e este sempre puxando aquela.

Ide, pois, ide para outras terras que não são Florianópolis, mas, chegados lá, não vos deixeis levar pela corrente mundana; sede estudantes verdadeiros e verdadeiros filhos, estudantes para servir à pátria, e filhos para amar à mãe. Servir à pátria, amar à mãe — é quase possuir a Deus!

BATE-BOLA



Para treinar as mais diversas e inesperadas viradas, exigidas pelo jogo. Tem mais uma profunda significação. É o sangue do ginásio, borbulhante nos seus glóbulos. A mocidade, o destino e o desejo de intensidade. Só a bola ali existe. Existe a unidade. Uma só coisa, na vida, é necessária. Para outra nenhuma idéia, tempo não existe. A bola!

OS QUE VÃO EMBORA

Nosso jornal deve registrar a partida do Padre Nunes e Padre Silvio que foram estudar sua teologia em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, afim de se tornarem sacerdotes e assim poderem mais eficazmente trabalhar por seus alunos, nem que só seja — não tanto levantando já nas mãos (lembras-te?) a pelota, para ao alto lançá-la na solução de um caso duvidoso. É que levantarão nas mãos a hóstia consagrada, na intenção de seus estimados alunos. Se só fosse isto, já seria tudo.

Fique pois aqui, para ambos estes mestres, por mão do "Órgão oficial" dos alunos, fique consignada a mais calorosa e saudosa despedida, em nome de todos estes alunos, que será pelos dois mestres em São Leopoldo recebida, com certeza.

É o que temos a dizer. Mas não há; como bem disse ou citou um dos colaboradores deste número — "que os grandes sentimentos são mudos".

E OPERÁRIOS DE ÚLTIMA HORA

Voltou a trabalhar no Colégio Catarinense o R. P. Francisco Inácio Boesing, antigo e estimado professor e prefeito, o qual, além das aulas, acumulará o cargo de "padre Ministro" do estabelecimento.

A 2ª série C verá como professor o padre Antônio Strieder, para cá vindo do Colégio Anchieta de Porto Alegre. A Química do I Científico ficará às mãos do padre Eulógio Kolberg. Prefeito da II divisão do internato o padre Emílio Reinehr. Em nome dos alunos do 1º A, assim como dos internos da II divisão, consigne-se aqui o intenso agradecimento e despedida de todos ao padre Tomé, antigo prefeito, que seguiu para Cerro Largo, no Rio Grande do Sul, onde assumirá a regência do coro e orquestra do Seminário, não sem que a inesperada ausência cause uma surpresa que por sua vez deságua na saudade.



ADEUS!...

Uma palavra que é para uns penosa de pronunciar para outros, uma bênção.

Penosa — para os soldados, quando partem para a guerra, deixando aqui os seus, angustiados contando todos os dias, as horas, os minutos, o momento de quando o bravo voltar aureolado de glórias.

É a tortura da esperança: "... e se ele não volta?"

... É a tragédia do Adeus.

É bênção por exemplo para um sentenciado, quando vai despedir-se do diretor da penitenciária ou de qualquer outra casa de reclusão, ou dos colegas de infortúnio.

Ele levava uma vida humana, mas lhe faltava alguma coisa, — a liberdade, que agora lhe é restituída.

É a beleza do Adeus!...

A própria natureza possui a "língua muda" do "Adeus".

O sol, quando desaparece no horizonte, deixa uma suave saudade, que o sol disse: Adeus...

Observando a palavra ortograficamente, nota-se que é formada pelo prefixo ad "para" mais "Deus"; quer dizer para Deus.

Vê-se que a palavra Adeus significa mais do que um termo de despedida. Só na mansão celeste, "em Deus", não se pode dizer mais esta palavra. Lá existe a eterna e suma felicidade; não há clima para um Adeus.

Mas o Adeus doloroso de pronunciar, que todos procuram retardar o mais possível, é o Adeus a um ente querido, que parte para a vida eterna, — o destino da efêmera viagem que estamos fazendo.

O Adeus é menos uma palavra do que um sentimento, — e as palavras que escrevo não o conseguem traduzir, porque, como disse Rousseau, — "os grandes sentimentos são mudos".

João Aug. Saraiva

19 de março, dia de Anchieta

Escrevias versos na areia e os decoravas aos milhares, com toda a facilidade. Só o nosso padroeiro, mobiliza nossas inteligências e vontades em botão, vendo o que foi feito deste Brasil cujas praias te encantaram a ti e a nós seduzem, as mesmas. Levanta o bastão e aponta-nos o que deve ser feito.

O CURSO DE ADMISSÃO — FEVEREIRO 1947

Mas foi um gozo! Cada tipo de novato, que só mesmo vendo.

Transcrevemos uma redação de um deles, uma fábula pelo professor marcada, para fazer.

NA BARBEARIA DO SR. ORELHUDO

O sr. Orelhudo tinha uma barbearia. Ele era um coelho, de orelhas compridas.

Foi no tempo em que os bichos falavam. E então havia um gato que ia ao sr. Orelhudo, para lustrar os seus bigodes com brilhantina, para aparar suas barbas. E ele ia lá, para ajeitar o pêlo, para que ficasse bem brilhante.

Este gatarrão se chamava don Marmanjão. Sabe? Os ratos tinham um medo d'ele! d'este tamanho!

E três ratinhos se combinaram. Eles se chamavam o Ratéco, o Ratóco e o Ratuco. Eram estudantes; estavam aprendendo a ler e a guinchar, no ginásio da terra dos ratos. Eles tinham que ir todos os dias ao ginásio d'eles.

O marmanjão fazia uma matança medonha pela região. Quase ninguém podia sair das tocas, para ir trabalhar e ir para o colégio.

"Seu Orelhudo, o senhor não quer fazer um trato conosco?"

— Que é que vocês querem, meninos-ratinhos?

— Nós lhe damos três contos, está? E o senhor toma a tesoura, quando ele cochilar e fura os olhos d'ele, está?

— Opa! Três contos não me serve. É muito pouco. Têm de me dar mais 500 cruzeiros, para pagar os estragos que ele vai fazer. O Marmanjão vai pular para lá e para cá de raiva e vai quebrar, atirando-se, o espelho.

E lá saíram os três. Foram primeiro à casa da Sinfa-Rinfa, a costureira mais chic da ratolândia. Na toca dela, iam fazer seus vestidos as ratas ricas. Mal se chegava perto da toca, era aquele vozerio de uma porção de ratas, contando novidades, enquanto experimentavam os vestidos.

— Que querem vocês, ratinhos? O que? Dinheiro? ... Fora daí, seus malandros! Já para a escola, estudar. E a costureira avarenta não quiz ajudar.

Então foram ao colégio. Experimentaram recolher um pouco de dinheiro entre os colegas. Mas ninguém queria fazer nenhum sacrifício. Começaram a fazer troça dos três, vaiaram os três; uns até atiraram areia neles.

Eles fivaram muito tristes. Só queriam fazer bem para esta gente, estes ratos, e ninguém se importava. Afinal eles foram bater na venda do Ranfarrão, um ratão velho, fabricante de vassouras. O Ranfarrão ficou com alguma pena d'eles.

Deu a eles 50 cruzeiros, do dinheiro dos ratos. Então eles foram assim mesmo para a barbearia do Orelhudo. O Marmanjão já estava esperando a vez de ele sentar na cadeira. Os três espíriam com jeito. Ai d'eles, se o Marmanjão enxergasse.

Quando Marmanjão sentou, Ratoeco, meio tremendo, apareceu um pouquinho na entrada da toca. Fez um sinal ao sr. Orelhudo, que tinha uma corrente de ouro que saía do bolso do colete d'ele. Era um barbeiro grão-fino.

Depois veio o Ratoco. Dos olhos d'ele, pingavam lágrimas. Juntou as patinhas e levantou a elas, pedindo compaixão e paciência ao sr. Orelhudo, porque não tinham conseguido quase arranjar nenhum dinheiro. O Ratuco mostrou a nota de 50 cruzeiros. Mas já era tarde! "Eu, perdendo o meu tempo com estes fedelhos?! Prometem e depois "ursam"!

Espera! Marmanjão, veja só! Estão aí três ratos fedelhos, dizendo que eu te fure os olhos com a tesoura".

— O que? E de um salto, Marmanjão deixou a cadeira. Euguliu

GRÊMIO CULTURAL PADRE
SCHRADER

Breve histórico

Já vai longe o terceiro dia de Agosto do ano de mil novecentos e quarenta e cinco. Uma e meia revolução da terra ao redor do sol — um ano e sete meses. Neste dia, aqui no Colégio Catarinense, vigorosa, pujante, brotou a idéia da fundação de um grêmio. Um grêmio cultural que reunisse, materialmente, espiritualmente, as idéias esparsas da juventude estudantil secundária do colégio num todo só, e daí, expurgando o errado e guardando o certo, este mesmo grêmio as apresentaria frescas, puras, à mentalidade em formação de cada um de seus membros.

A árvore, plantada pela idéia, regada pelo esforço individual, cuidada pela administração, constituiria um bem comum, frutificando para todos de um modo bom, agradável, proveitoso. „

Não levou muito tempo para que esta chama pusesse fogo no coração da maior parte dos estudantes do curso colegial. Tal idéia ferveu o sangue jovem, embriagou a muitos, causou frenesi. Este vai-e-vem, é lógico, já mostrava a aceitação e o apóio a tal idéia... e nasceu o grêmio.

A idéia encontrava o seu complemento: — a realização. Uma coisa que nasce tende a crescer, a aumentar, a subir mais alto; assim, a idéia gerou a realização e a realização implicou um evoluir.

Redigidas algumas poucas normas, tinha-se já um princípio de estatutos e regimento interno. Escolhida a diretoria, a orientação dos trabalhos passava para o rol das "coisas já passadas".

Um pouco mais... e quase tudo feito... Então surgiu a questão: — Qual o nome a ser dado a este grêmio? Era de conhecimento que o grêmio seria uma associação cultural. Mas só cultural, quer dizer, chamar-se-ia apenas "grêmio cultural"? Ou não haveria mais alguma coisa a ampliar e a dar brilho a este título?

A necessidade de um patrono, de um homem digno de respeito, de um modelo a ser imitado era um imperativo urgente. E daí a pouco já se podia dizer não só "Grêmio Cultural" mas "Grêmio Cultural Pe. Schrader".

Com toda a certeza já, podia assegurar-se que a criança viveria! O G. C. P. S. experimentou dar os seus primeiros passos. Realizou a primeira reunião de sua diretoria, a sua sessão inaugural, a sua primeira sessão ordinária... (o que salva o homem é dar o primeiro passo, outros logo o seguirão)... cada vez mais para a frente.

Até hoje o grêmio já realizou: Quarenta e duas sessões, compreendendo sessões da diretoria, sessões solenes e ordinárias; duas

inteiro, de um só trago, o Ratoeco, despedaçou todo o Ratoeco; e só o Ratoeco deixou o rabo na boca dele, escapando como um doido.

Marmanjão desandou a correr por toda a cidade. O primeiro lugar onde bateu, cheio de raiva, foi na toca da Sinfa-Rinfa. O vozerio traiu a toca. Enguliu inteirinha a avarenta. Tragou também uma porção dos camondongos que voltavam do colégio, fazendo ainda troca dos "bobos" Ratoeco, Ratoeco e Ratoeco, que eles não tinham querido ajudar. Houve uma manjaça medonha, em toda a cidade dos ratos.

Que nunca se queixe da sorte e da
[dor
Quem nunca ao seu próximo pres-
[ta um favor.

25 anos atrás: I Divisão do Internato



Mereceu o prêmio de honra — Alfredo Pirajá Weyer.

Próximo ao premiado: Udo Deeke. Crônica: A Divisão "tirou o pé do lodo" no 4º encontro contra o Figueirense, por 4 x 1. Nas "obras da divisão", merecem especial menção os que aos "céticos" mostraram com quantos paus se faz... um viveiro". Os srs. Gelásio Moreira e João Ghizzo construíram o arco triunfal. E o trio dos encadeadores aformoseou habilidosamente a biblioteca.

excursões, uma a Cansevieira a outra à Lagoa; 150 cruzeiros doados à "Bolsa de Estudos Pe. Schrader". Temas palpitantes de interesse foram apresentados nas sessões, como sejam: A Questão Social ao correr dos séculos — Pe. Alberto Fuger; Caim — Alcides Abreu; Estudo sobre Rui Barbosa — Nelson Abreu, Caxias — Pe. Fuger. Fatores Etnicos da Raça Brasileira — Valmor Dias. A série "Precusores da Independência" — Jaime Linhares Filho, Vitória da Independência — Valmi Bittencourt. Pe. Schrader — Hélio Oliveira. Os Homens (soneto) — Valmi Bittencourt. Literatura Russa — Raúl Buendgens. Profissão Ideal — Alcides Abreu. Pan-Americanismo — Nelson Abreu. Crimiologia — Pe. Fuger. Tiradentes — Geraldo Sales. Circulos Operários — Pe. Vale. 3 de Maio — Pe. Fuger. Divórcio — discussão livre. O Bem e o Mal — Prof. Anibal Nunes Pires. Tempestade (poesia) — Geraldo Sales. A Redentora — Mauro Remor. Escravidão Moderna — Nelson Abreu. Escravo e Escravidão — Alcides Abreu. O Estudante e sua Função Social — Pe. Fuger. Preparação da Independência — Miguel Orofino. D. João VI — Prof. Anibal Nunes Pires. A Independência Firmada — Pe. Fuger. O Caminho do Estudante Brasileiro — Alcides Abreu. Juventude — Joaquim Santana. Inglaterra — Luiz Medeiros.

Trinta e um associados, a diretoria (nove componentes) e um orientador Rev. Pe. Alberto Fuger, constituem atualmente o quadro social do G. C. P. S. Eis em traços gerais o histórico dos dias já vividos pelo Grêmio.

Estudante Secundário, o G. C. P. S. vos abre as portas — entrai na sua casa! Não hesitais! Avante! Bons frutos vos dará a árvore que regardes.

O Presidente

A JUVENTUDE

Conta-se que, uma vez, a Juventude resolveu partir do ninho onde crescera. Saiu e o vento forte levantava a capa que a Juventude levava sobre os ombros. A capa falou: — Que, queres, vento? — Quero derrubar-te dos ombros da Juventude. — Ela não permitirá. Então, tens esta pretensão, pensando contigo mesmo! Sou o vento, e o vento consegue derrubar a capa que um adolescente por suas mãos teceu e vestiu".? A capa que o carinho de outros lhe ensinou a tecer? — Que fazer? Sou o vento forte e a missão do vento forte é tentar o botão da capa dos que partem. Vejo se consigo tornar traidor — só o pequeno

botão da capa, ... para antes que, já tarde, as mãos consigam então agarrá-la.

Mas o rapaz também percebeu a conversa da capa, dando confiança para o "espião". "Cuidado, amiga, embora só seja o vento!" Riu cheio de euforia, porque era bela a paisagem nova do novo caminho, para percorrer o qual a aurora o despertara. Aroma de manhã dos campos. Montanhas e vales onde casas brancas brincam.

... Felicidades, peregrino! Um último aviso do teu ninho: Quer continuar a ser teu, para gostar da tu avolta e visita, quando também quiseres.

O BACHAREL FELISBINO, NA CASA DE D. FUFUSCO,

CARTOMANTE



Mil cruzeiros à vista, para o senhor, se logo a 1. carta tirada me predizer uma coisa certa e valiosa no futuro de minha carreira!
Don Fufusco (lendo o resultado):

Antes de tudo, é tratar de garantir as duas segundas épocas, que ficaram cacarejando, de sobra.

— ... (Que ovo!).